

TEMOS DE PERDOAR NOSSOS INIMIGOS?

Brian Edwards

(Preletor da Conferência Fiel no Brasil, Outubro-2001)

Frances Lawrence — a viúva do professor que foi tragicamente assassinado, quando tentava socorrer um de seus alunos —, tendo sido recentemente entrevistada, admitiu: “Quando Philip morreu, todos imaginaram que eu havia perdoado aqueles que o assassinaram. Não posso dizer-lhes nada a respeito de perdão”. Eu me alegrei em ouvi-la dizer isso; pois, se existe uma palavra que as pessoas utilizam de maneira errada, tal palavra é “perdoar”.

No mundo cruel e violento em que vivemos, parece haver muitas oportunidades para os crentes demonstrarem perdão. No entanto, essas oportunidades não são apenas para os crentes. Após o último atentado terrorista ou de um insensível assassinato, o público parece estar esperando a resposta imediata de cada pessoa enlutada: “Eu perdoo aqueles que fizeram essa coisa terrível”. Isso

é ecoado como um grande exemplo para todos nós, uma grande vitória. E, se tais pessoas se mostram incapazes de evocar coragem emocional para pronunciar essas palavras santas, a sociedade estabelece que elas foram reprovadas no teste. A sociedade realmente não diz isso, mas deixa-o implícito por aplaudir aqueles que perdoam os criminosos.

Por sua vez, os crentes, temendo ser moralmente mal interpretados pelo mundo incrédulo no que se refere ao assunto do perdão (entre todos os outros), têm convencido a si mesmos de que o reconhecimento público do perdão é a melhor coisa a fazer. Em janeiro de 1999, quando Gladys Staines foi deixada sozinha com sua filha adolescente, após seu marido e seus dois filhos (8 e 10 anos) terem sido queimados, em seu carro, até morrerem, na Índia, ela imediatamente perdoou os assassinos. Ela

afirmou que isso era um “ato espontâneo” de sua parte, que banuiu toda a amargura de seu coração. Tenho certeza de que esse ato banuiu toda a amargura de seu coração e de que foi uma atitude recomendável; mas ela realmente tinha de perdoar os assassinos de seu esposo? Esta era uma atitude essencialmente cristã que deveria ser praticada? Foi mesmo a coisa correta a fazer?

Não me entendam de maneira errônea. Sinto admiração pelo pai de coração entristecido que é capaz de perdoar publicamente os numerosos vândalos que acabaram de enviar

sua filha para a eternidade, por colocarem uma bomba num lugar onde mataria e feriria o número máximo de transeuntes não envolvidos no caso. Ele tinha de perdoar? Estava correto em fazê-lo? Se ele não perdoasse, seria um cidadão de segunda categoria?

A reação imediata a essas perguntas desafiadoras é citar três ou quatro versículos. O primeiro se encontra na oração do Pai Nosso: “Perdoa-nos os nossos pecados, pois também nós perdoamos a todo o que nos deve” (Lc 11.4). O segundo mandamento se encontra em Marcos 11.25: “Quando estiverdes orando, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai, para que vosso Pai celestial vos perdoe as vossas ofensas”. O terceiro versículo é a resposta de nosso Senhor para silenciar Pedro, quan-

do este queixou-se a respeito de quantas vezes ele tinha de perdoar seu irmão; a resposta foi: tantas vezes quantas ele precisar ser perdoado. E o quarto versículo apresenta as palavras de nosso Senhor no Calvário: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23.34).

— ■ —

*O perdão de Deus,
assim como seu amor
e sua graça, é
imerecido, ilimitado
e infinito, mas não é
incondicional.*

— ■ —

Antes de analisar esses versículos existe um assunto importante que devemos examinar. Todos nós temos de concordar que, em cada aspecto de nossa vida, Deus mesmo é o nosso exemplo; e este exemplo é percebido com mais clareza na vida de nosso Senhor, en-

quanto esteve na terra.

Esse é um dos importantes motivos por que Jesus veio a este mundo: para que nos focalizássemos na realidade viva daquilo que Deus espera de nós. Por exemplo, quando o apóstolo Paulo ordenou que o marido ame sua esposa, o modelo utilizado foi “como também Cristo amou a igreja”. De modo semelhante, no que se refere ao assunto de perdão, quando Paulo encorajou os crentes de Éfeso e de Colossos a perdoarem uns aos outros, o modelo utilizado foi “como também Deus, em Cristo, vos perdoou” (Efésios 4 e Colossenses 3). Como Deus perdoa? Quem Ele perdoa?

Os pregadores freqüentemente incorrem no erro de anunciar que o perdão de Deus é “incondicional”. Essa é a maneira deles dizerem que

não podemos fazer nada para merecê-lo. Contudo, essa não é a maneira de afirmar tal verdade! O perdão de Deus, assim como seu amor e sua graça, é imerecido, ilimitado e infinito, mas não é incondicional. Sempre que oferece perdão, Deus o faz sob a condição de arrependimento.

Na verdade, esse arrependimento é, em si mesmo, um dom de Deus, proporcionado por seu Espírito; mas tem de existir o arrependimento. Isto se evidencia no Antigo Testamento. Três exemplos serão suficientes: “Virá o Redentor a Sião e aos de Jacó que se converterem” (Is 59.20); “Convertei-vos e desviavi-vos de todas as vossas transgressões; e a iniquidade não vos servirá de tropeço. Porque não tenho prazer na morte de ninguém, diz o SENHOR DEUS. Portanto, convertei-vos e vivei” (Ez 18.30,32).

Essa verdade se encontra também no Novo Testamento. Jesus declarou: “Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus” (Mt 4.17). O apóstolo Pedro reforçou-a: “Respondeu-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados”; “Arrependei-vos, pois, e convertei-vos para serem cancelados os vossos pecados” (At 2.38; 3.19). Paulo proclamou essa mesma mensagem nas cidades de Atenas e de Jerusalém: “Anunciei... que se arrependessem e se convertessem a Deus, praticando obras dignas de arrependimento” (At 26.20). E João a ressaltou em sua primeira carta: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados”. Deus nunca

oferece perdão incondicional.

Se a posição estabelecida no parágrafo anterior é verdadeira, por que esperamos que as pessoas façam aquilo que Deus mesmo não o faz. Perdoar sem que o perdão seja suplicado ou quando o arrependimento não se evidenciou é uma atitude correta, necessária ou mesmo cristã?

Na América do Norte, o perdão se tornou um assunto muito importante. A Fundação John Templeton recebeu aproximadamente trinta doações, em 1998, para o estudo do perdão. Até Jimmy Carter, Elizabeth Elliot e Desmond Tutu se uniram para promover a Campanha Para Pesquisa Sobre o Perdão. Alguém descobriu o seguinte: as pessoas que perdoam aqueles que pecam contra elas ficam melhores por causa dessa atitude. Isto é extremamente admirável! Todavia, essa não é a questão principal. Alguns estudiosos que escrevem sobre este assunto redefiniram a palavra “perdão” e sustentam a idéia de que ela não significa “esquecer, reconciliar, condoer, descartar ou mesmo absolver”. Por outro lado, o perdão significa “uma transação pessoal que liberta da ofensa a pessoa ofendida”. Em outras palavras, o ato de “perdoar” está muito pouco relacionado ao ofensor e intensamente relacionado ao ofendido. Em termos estritamente psicológicos, esse conceito talvez seja correto, mas ignora completamente o significado bíblico da palavra “perdão”. Os crentes tem de se mostrar mais sábios, não concordando com essa reinterpretação de um dos principais vocábulos das

Escrituras. De conformidade com o ensino bíblico, a absolvição e a atitude de perdoar são coisas inseparáveis, e quem fica livre da ofensa não é o ofendido, e sim o ofensor.

Mas o que dizemos a respeito dos versículos já citados? A oração do Pai Nosso tem de ser entendida sob a perspectiva de nossa conclusão de que todo perdão da parte da pessoa ofendida pressupõe arrependimento da parte daquele que a ofendeu. Nossa oração é que Deus nos perdoe quando já pedimos perdão a outrem, assim como perdoamos aqueles que nos rogam perdão. A expressão “alguma coisa contra alguém”, em Marcos 11, tem de ser colocada naquela categoria de coisas descritas como “motivo de queixa contra outrem”, em Colossenses 3. Isto é evidente da repreensão de nosso Senhor a Pedro, quando Ele afirmou: “Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete”; e poucos se dão ao trabalho de averiguar o contexto dessas palavras. Em alguns versículos anteriores, Mateus havia apresentado novamente o ensino de nosso Senhor a respeito de como reagir ao irmão que peca contra nós. Temos de procurá-lo e colocá-lo na atitude correta; se isto não funcionar, temos de levá-lo perante a igreja; e, se isto também não funcionar, ele precisa ser tratado como um incrédulo. Em outras palavras, a resposta de nosso Senhor a Pedro se encontra em um contexto de ofensas no ambiente da família de Deus; essa

*Deus nunca oferece
perdão àqueles que
não suplicam por ele.*

resposta não tem qualquer relação com o perdoar um criminoso que assassinou o esposo ou a esposa de alguém. Finalmente, se, de alguma maneira, as palavras de nosso Senhor, no Calvário, são o modelo para nós, então a única coisa que elas nos ensinam é que devemos orar ao

nosso Pai celestial em favor daqueles que pecaram contra nós, a fim de que Ele lhes conceda perdão; e isto significa que, primeiramente, Ele precisará trazê-los ao arrependimento.

Isso nos traz a outra alternativa. A resposta à pergunta “Temos de perdoar nossos inimigos?” é “Não, não temos, a menos que eles se arrependam e nos peçam perdão”. Então, o que devemos fazer como crentes? Quando um emergente líder do gueto de Varsóvia, que se mostra tão amargurado pelas atrocidades do nazismo, afirma: “Se vocês pudessem beber meu coração, ele os envenenaria”, esse líder não nos está apresentando outra alternativa para o perdão. O ódio e a vingança não constituem a outra alternativa. A reação do crente àqueles que tratam com crueldade a ele ou às demais pessoas tem de ser encontrada no exemplo que o Senhor mesmo deixou para nós: “Ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente” (1 Pe 2.23). Essa aceitação calma nos levará à atitude essencial — a compaixão. A compaixão é o resultado de submissão humilde ao

plano de um Deus todo-sábio, que demonstra pleno cuidado por nós. Isto sempre traz consigo o desejo de manifestar misericórdia e procurar o bem-estar daqueles que nos tratam de maneira perversa.

Em outras palavras, a compaixão equivale a contemplarmos o ofensor não tendo em vista a nossa própria felicidade, e sim a dele. “Perdoar” pode fazer o ofendido sentir-se melhor, bem como levá-lo a sentir-se superior ou moralmente satisfeito consigo mesmo. A compaixão nunca pode fazer que nos sintamos superiores, pois ela é uma palavra que significa “colocar-se ao lado”. Foi essa palavra que nosso Senhor utilizou quando contemplava as multidões perdidas e desamparadas. Compaixão é uma palavra de piedade

e afeição. “Eu te perdôo” pode ser dito com um sorriso de superioridade; a compaixão é acompanhada por lágrimas. Para o crente, esta palavra sempre o leva a orar a Deus, que pode realizar o arrependimento que conduz ao perdão. O Senhor Jesus foi impulsionado por compaixão, ao clamar, no Calvário: “Perdoa-lhes”. Nosso Senhor não instruiu seus discípulos a perdoarem aqueles que os perseguiram, mas ensinou-os a orar por eles (Mateus 5.44). Este é o ponto crucial.

O perdão de Deus, assim como sua graça, é imerecido, infinito e ilimitado; porém, esse perdão nunca é incondicional. O nosso perdão também nunca deveria ser incondicional. Somente a compaixão é incondicional.

REGENERAÇÃO E CONVERSÃO

No início das considerações sobre esses termos, somos confrontados com a pergunta: significam eles a mesma coisa? A regeneração e a conversão se encontram tão intimamente unidas, que é difícil as separarmos e delinear as diferenças que existem entre elas. As Escrituras as unem sob um único conceito — o novo nascimento — e nos ensinam não somente que a regeneração é absolutamente essencial em toda conversão, mas também que toda regeneração é invariavelmente acompanhada pela conversão responsável e inteligente da alma. Não é estranho, pois, que as duas sejam confundidas. Mas, antes de tudo, as Escrituras ensinam que a regeneração é uma obra divina, uma obra que transforma o coração do homem, por meio da soberana vontade de Deus; enquanto a conversão é a atitude de uma pessoa em voltar-se para Deus, tendo uma nova inclinação outorgada ao seu coração.

James P. Boyce, *Abstract of Systematic Theology*
(Resumo de Teologia Sistemática), pp. 373-374.

A SOBERANIA DE DEUS REMOVE A VANGLÓRIA

Charles H. Spurgeon

Pois ele diz a Moisés: Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia e compadecer-me-ei de quem me aprouver ter compaixão.

Romanos 9.15

Nessas palavras, o Senhor reivindica, da forma mais clara possível, o direito de outorgar ou reter sua misericórdia, de conformidade com sua própria vontade. Assim como um monarca está investido da prerrogativa de conceder vida ou morte, assim também o Juiz de toda a terra tem o direito de poupar ou condenar o culpado, conforme Lhe parecer melhor.

Os homens, por causa de seus pecados, perderam todo o direito diante de Deus e, portanto, merecem a perdição eterna. E, se todos eles buscarem seus direitos na presença dEle, não encontrarão qualquer fundamento para suas reivindicações. Se o Senhor age para salvar alguém, Ele o faz de modo que os objetivos de sua justiça não sejam distorcidos. No entanto, se Ele acha melhor deixar os condenados sofrerem a justa sentença, ninguém pode chamá-Lo a juízo. Tolos e imprudentes são todos os discursos que se referem aos direitos dos homens serem colocados na mesma condição diante de Deus. Ignorantes, se não forem algo pior, são as contenções contra a graça discriminadora de Deus; tais contenções expressam a rebeldia da natureza humana orgulhosa contra o trono e a autoridade de Jeová.

Quando Deus nos mostra nossa ruína completa, nosso infeliz merecimento e a justiça do veredicto divino contra o pecado, nunca mais contestamos a verdade de que o Senhor não tinha qualquer obrigação de salvar-nos; não murmuramos diante do fato de que Ele resolveu salvar outros, como se estivesse nos causando dano, mas sentimos que, se Ele desejou volver-se para nós, isso foi um ato espontâneo de bondade imerecida da parte dEle, pelo que bendiremos para sempre o seu nome.

Como poderão aqueles que são objeto da divina eleição adorar de forma suficiente a graça de Deus? Eles não têm motivo para se gloriarem, pois a soberania divina exclui com eficácia qualquer motivo. Somente o Senhor deve ser glorificado; a própria noção do mérito humano será lançada na vergonha eterna. Nas Escrituras, não existe uma doutrina que seja mais humilhante ao homem do que a da eleição; uma doutrina que mais promova a gratidão e, conseqüentemente, seja mais santificadora. Os crentes não devem temê-la, e sim regozijarem-se nela, em adoração.

COMO DEVEMOS CULTUAR A DEUS?

John MacArthur

Flip Wilson, um famoso comediante norte-americano, tinha em seu repertório um personagem chamado *Reverendo Leroy*, que pastoreava a “Igreja do Que Está Acontecendo Agora”. No início da década de 1970, o *Reverendo Leroy* e sua igreja era uma paródia ultrajante. Mas, na verdade, a comunidade evangélica de nossos dias está enxameada com *Reverendos Leroy*s, e muitas igrejas poderiam convenientemente receber o nome de “Igreja do Que Está Acontecendo Agora”.

Não há limites no que se refere a quão longe algumas igrejas avançarão no propósito de se tornarem “relevantes” e “modernas” em seus cultos. E parece que não existe mais nada excessivamente profano ou abusivo para ser introduzido no “culto”.

A revista *Los Angeles Times* recentemente falou sobre uma Igreja no sul da Califórnia que distribuiu panfletos anunciando seus cultos como “Horas Agradáveis da Música Country de Deus”. Os panfletos auda-

ciosamente prometiam “dança semelhante à quadrilha logo depois do culto”. De acordo com o artigo da revista, “o pastor também dançou, calçado de botas de couro e vestido com jeans”. O pastor justifica esse movimento com a revitalização de sua igreja. O artigo da revista descreve a manhã de domingo na igreja:

“Os membros ouvem os sermões, cujos temas incluem ‘A Pickup Ford do Pastor e Sexo Cristão’ (classificado com R, que significa ‘relevância, respeito e relacionamento’, disse o pastor, ‘e mais engraçado do que parece’). Após o culto, os membros dançam com músicas de uma banda chamada Os Anjos do Cabaré (e o que mais poderia ser?). A frequência à igreja está aumentando rapidamente...”¹

Você pode imaginar que isto é apenas uma aberração de uma igreja desconhecida e excêntrica. Infelizmente, este não é o caso. A teoria contemporânea do crescimento de igreja tem aberto uma porta ampla

para tais absurdos. Às vezes, parece que P. T. Barnum (1810-1891)² é o principal modelo para muitos que nesses dias participam do movimento de crescimento de igreja. Na verdade, o convite abaixo para um culto dominical vespertino apareceu no boletim de uma das maiores e mais conhecidas igrejas que integram o “Cinturão da Bíblia” nos Estados Unidos:

“**Circo** — Vejam Barnum e Bailey, quando o mágico do grande e famoso circo vier à Comunhão do Divertimento! Palhaços! Acrobatas! Animais! Pipoca! Que grande noite!”

Essa mesma igreja, em certa época, teve seu conselho de pastores introduzido num ringue de luta corporal, durante o culto dominical, indo mesmo ao ponto de ter um lutador profissional treinando os pastores a jogarem um ao outro no ringue, puxarem os cabelos e derrubarem uns aos outros³, sem realmente machucarem-se. Estes não são incidentes extraordinários. Muitas igrejas estão seguindo métodos semelhantes, utilizando todos os meios disponíveis para apimentar seus cultos.

É evidente que o culto dominical está passando por uma revolução sem paralelo em toda a história da Igreja.

O VERDADEIRO CULTO

Anos atrás, enquanto eu pregava sobre o Evangelho de João, fui tocado pelo profundo significado da verdadeira adoração — “Vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores” (Jo

4.23). Percebi, tão claramente como nunca havia percebido antes, as implicações da afirmativa — “adorarão... em espírito e em verdade”. Essa frase sugere, primeiramente, que a adoração verdadeira envolve tanto o intelecto quanto as emoções. Saliência a verdade de que a adoração tem de ser focalizada em Deus, não no adorador. O contexto também demonstra que Jesus estava dizendo que a adoração verdadeira é mais uma questão de essência do que de forma. Ele estava ensinando que a adoração envolve o que fazemos em nossa vida, não apenas o que fazemos no lugar formal de adoração.

Interrompi naquele ponto as mensagens sobre João 4 e continuei o assunto com um estudo tópico sobre adoração. A editora Moody Press pediu que colocasse essas mensagens em um livro, que foi publicado sob o nome de *The Ultimate Priority*⁴ (A Prioridade Crucial). Esse estudo sobre adoração afetou-me mais profundamente do que qualquer outra série de sermões que já havia preparado. Mudou para sempre minha opinião sobre o que significa adorar a Deus.

Aquela série de estudos também marcou o início de uma nova etapa para nossa igreja. Nossa adoração coletiva adquiriu nova profundidade e significado. As pessoas começaram a ficar conscientes de que cada aspecto do culto da igreja — música, oração, pregação e, mesmo, as ofertas — é adoração oferecida a Deus. Começaram a ver as superficialidades como uma ofensa a um Deus santo e a considerar o culto como uma atividade em que deveriam ser

participantes e não espectadores isolados. Se o culto é algo que oferecemos a Deus — e não um *show* elaborado para beneficiar a congregação —, então cada aspecto do culto tem de ser agradável a Deus e estar em harmonia com sua Palavra. Portanto, o resultado de nossa nova ênfase sobre o culto foi o aprofundamento de nosso compromisso com a centralidade das Escrituras.

SOLA SCRIPTURA

Alguns anos depois daquela série de estudos sobre adoração, preguei sobre o Salmo 19. Minha reação foi a de alguém que estava contemplando pela primeira vez o poder daquilo que o salmista estava afirmando sobre a suficiência das Escrituras.

A lei do SENHOR é perfeita e restaura a alma.

O testemunho do SENHOR é fiel e dá sabedoria aos simples.

Os preceitos do SENHOR são retos e alegrem o coração.

O mandamento do SENHOR é puro e ilumina os olhos.

O temor do SENHOR é límpido e permanece para sempre.

Os juízos do SENHOR são verdadeiros e todos igualmente, justos.

São mais desejáveis do que ouro, mais do que muito ouro depurado;

são mais doces do que o mel e o destilar dos favos.

O argumento central da mensagem deste salmo é: a Escritura é completamente suficiente para satisfazer todas as necessidades da alma

humana. Sugere que toda a verdade espiritual e essencial está contida na Palavra de Deus. Pense nisso: a verdade das Escrituras pode restaurar a alma danificada pelo pecado, outorgar sabedoria espiritual, confortar o coração abatido e trazer iluminação espiritual. Em outras palavras, a Bíblia resume tudo que precisamos saber a respeito da verdade e da justiça; ou, como o apóstolo Paulo escreveu, a Bíblia é capaz de nos habilitar para toda boa obra (2 Tm 3.17).

Esta série de estudos sobre o Salmo 19 marcou outro movimento na vida de nossa igreja, colocando-nos face a face com um dos princípios dos reformadores — *Sola Scriptura*. Em uma época quando muitos evangélicos parecem estar se voltando em massa para a esperteza mundana nas áreas de psicologia, negócios, política, relacionamentos e entretenimento, as Escrituras nos são indicadas como a única fonte que podemos recorrer para encontrar a infalível verdade espiritual. A série de estudos teve um impacto sobre cada aspecto da vida de nossa igreja.

A SUFICIÊNCIA DAS ESCRITURAS: UM PRINCÍPIO PARA REGULAR O CULTO

Como podemos aplicar a suficiência das Escrituras ao culto da igreja? Os reformadores responderam essa pergunta aplicando *Sola Scriptura* à adoração, estabelecendo o que eles chamaram de Princípio Regulador. João Calvino foi o primeiro a articular de maneira sucinta esse princípio:

“Não podemos adotar qualquer

artifício [em nosso culto] que pareça satisfazer a nós mesmos, e sim levar em conta as exortações d'Aquele que tem o direito de prescrevê-las. Portanto, se desejamos que Ele aprove nosso culto, esta regra, que Ele mesmo enfatiza com muita rigidez, tem de ser observada com zelo... Deus reprova todos os tipos de cultos não sancionados expressamente por sua palavra".⁵

... a adoração verdadeira é mais uma questão de essência do que de forma.

Calvino sustentava este princípio utilizando diversas passagens bíblicas, incluindo 1 Samuel 15.22 — “Obedecer é melhor do que o sacrificar; e o atender, melhor do que a gordura de carneiros” — e Mateus 15.9: “Em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens”.

John Hooper, um pastor inglês, contemporâneo de Calvino, afirmou assim este mesmo princípio: “Na igreja não deve ser utilizado nada que não tenha a expressa aprovação das Escrituras, para apoiá-lo, ou que seja algo indiferente em si mesmo, ou seja, que não traga qualquer proveito quando utilizado e nenhum prejuízo quando omitido”.⁶

William Cunningham, um historiador da Igreja, que viveu no século XIX, definiu nesses termos o princípio regulador: “É insustentável e ilícito introduzir no governo e no culto da igreja qualquer coisa que não tem a sanção positiva das Escrituras”.⁷

Os reformadores e puritanos a-

plicavam o princípio regulador contra os ritos formais, as vestes sacerdotais, a hierarquia eclesiástica e outros resquícios do culto da Igreja Católica. O princípio regulador era frequentemente citado pelos reformadores ingleses que se opunham aos elementos da Igreja Alta no anglicanismo, os quais haviam sido emprestados da tradição católica-romana.

Foi o comprometimento de muitos puritanos com o princípio regulador que levou centenas de pastores puritanos a serem excluídos, por decreto, dos púlpitos da Igreja da Inglaterra em 1662.⁸

Além disso, a simplicidade da forma de culto das igrejas presbiterianas, batistas, congregacionais e de outras tradições evangélicas é o resultado da aplicação do princípio regulador.

Os evangélicos de nossos dias fariam bem se recuperassem a mesma confiança que seus antecessores espirituais tinham em relação às Escrituras. Um boa quantidade de tendências prejudiciais que estão ganhando importância nesses dias revelam a decrescente confiança dos evangélicos na suficiência das Escrituras. Por um lado, existe, como já observamos, uma atmosfera de circo em algumas igrejas que empregam métodos pragmáticos que trivializam aquilo que é santo, para impulsionar a frequência de pessoas na igreja. Por

outro lado, um crescente número de evangélicos está abandonando as formas simples de adoração, em favor do formalismo da Igreja Alta. Alguns estão deixando completamente o evangelicalismo e unido-se à Igreja Ortodoxa e ao catolicismo romano.

Enquanto isso, algumas igrejas simplesmente abandonaram toda a objetividade, optando por um estilo de culto turbulento, emocional e destituído de qualquer sentido racional. Talvez um dos mais comentados movimentos que está varrendo o cristianismo no presente é o fenômeno conhecido como “Bênção de Toronto”, onde toda a congregação ri incontrolavelmente, sem qualquer motivo racional, late como cachorros, ruge como leões, cacareja como galinhas, pula, corre e convulsiona. Eles vêem isso como uma evidência de que o poder de Deus lhes foi transmitido.

Nenhuma dessas tendências está avançando por motivos bíblicos consistentes. Pelo contrário, seus defensores citam argumentos pragmáticos ou procuram o apoio de interpretações erradas de textos das Escrituras, do revisionismo da história ou tradições antigas. Esta é exatamente a mentalidade contra a qual os reformadores lutavam.

Um novo entendimento de *Sola Scriptura* — a suficiência das Escrituras — tem de nos estimular a continuar reformando nossas igrejas, a regular nossos cultos de acordo com as normas bíblicas e a desejar intensamente ser pessoas que adoram a Deus em espírito e em verdade.

APLICANDO *SOLA SCRIPTURA* AO CULTO

A questão que surge a seguir é sobre como o princípio *Sola Scriptura* pode ser usado para regular o culto. Alguém pode indicar o fato de que Charles Spurgeon utilizava o princípio regulador para excluir o uso de qualquer instrumento musical no culto. Spurgeon recusou permitir a utilização de um órgão no Tabernáculo Metropolitano, porque acreditava que não havia base bíblica para música instrumental no culto cristão. Na verdade, ainda existem crentes que, pelo mesmo motivo, se opõem a música instrumental.

É óbvio que nem todos os que afirmam a ortodoxia do princípio regulador necessariamente concordam em todos os detalhes sobre como ele deveria ser aplicado. Alguns poderiam salientar tais diferenças nas questões práticas e sugerir que todo o princípio regulador é, por isso mesmo, insustentável. William Cunningham observou que críticas contra o princípio regulador freqüentemente procuram desacreditá-lo recorrendo à tática do *reduzi-lo ao absurdo*.

Aqueles que não apreciam o princípio regulador, por qualquer motivo, geralmente procuram nos colocar em dificuldades, pondo sobre ele uma rigorosa conotação, dando-lhe, deste modo, uma aparência de algo absurdo. Mas o princípio regulador tem de ser interpretado e explicado com o exercício do bom senso. Dificuldades e diferenças de opiniões podem surgir a respeito dos detalhes, mesmo quando o discernimento correto e o bom senso influenciam a interpreta-

ção e aplicação do princípio. Mas isto não oferece qualquer fundamento para negar ou duvidar das verdades ou da ortodoxia do próprio princípio regulador.⁹

Cunningham reconheceu que o princípio regulador com frequência é empregado para argumentar contra coisas que podem ser reputadas como relativamente sem importância, tais como ritos, cerimônias, vestimentas, órgãos, ajoelhar-se, prostrar-se e outros recursos exteriores da religião formal. Por causa disso, Cunningham afirmou: “Algumas pessoas parecem imaginar que o princípio regulador se preocupa com a insignificância intrínseca das coisas”.¹⁰ Portanto, muitos concluem: os que advogam o princípio regulador fazem-no porque realmente gostam de contender por coisas insignificantes.

Com certeza, ninguém se deleitaria em disputas por questões irrelevantes. É verdade que o princípio regulador ocasionalmente tem sido utilizado daquela maneira. Uma obsessão por aplicar qualquer princípio aos menores detalhes pode facilmente se tornar uma forma destrutiva de legalismo.¹¹

Mas o princípio *Sola Scriptura*, aplicado ao culto, é sempre digno de ser defendido com ferocidade. O princípio em si mesmo não é trivial. Além disso, a falha de apegar-se à prescrição bíblica no que se refere ao culto é exatamente aquilo que mergulhou a igreja nas trevas e na idolatria da Idade Média.

Não tenho interesse em suscitar um debate sobre instrumentos musicais, vestimentas pastorais, decoração do templo ou outros assuntos. Se

existem aqueles que utilizam o princípio regulador como um trampolim para tais debates, exclua-me de entre eles. As questões que inflamam minha preocupação relacionada ao culto contemporâneo são mais profundas do que tais assuntos. Referem-se ao próprio âmago do que significa adorar a Deus em espírito e em verdade.

Minha preocupação é esta: o fato de a igreja moderna ter abandonado o *Sola Scriptura* abriu as portas para diversos abusos grotescos e imagináveis, incluindo cultos com banda de cabaré, a atmosfera de espetáculos carnavalescos e exibições de luta livre. Mesmo a mais liberal e ampla aplicação do princípio regulador do culto teria um efeito corretivo em tais abusos.

Pense, por um momento, no que aconteceria à adoração coletiva, se a igreja contemporânea levasse a sério o *Sola Scriptura*. Quatro diretrizes bíblicas para o culto imediatamente viriam à nossa mente. Essas diretrizes caíram em um trágico estado de negligência. Recuperá-las com certeza produziria uma nova reforma no culto da igreja moderna.

PREGAR A PALAVRA. Na adoração coletiva, a pregação da Palavra deve ter a primazia. Todas as instruções do Novo Testamento aos pastores centraliza-se nessas palavras de Paulo a Timóteo: “Prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina” (2 Tm 4.2). Em outra carta, o apóstolo resumiu seu conselho ao jovem pastor: “Até à minha chegada, aplica-te à leitura, à

exortação, ao ensino” (1 Tm 4.13). Evidentemente, o ministério de pregar a Palavra era o âmago das responsabilidades pastorais de Timóteo.

Na igreja do Novo Testamento, as atividades da comunidade de crentes eram completamente centralizadas “na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações” (At 2.42). A pregação da Palavra era o centro de todo o culto. Em certa ocasião, Paulo pregou a um grupo de crentes até depois da meia-noite (At 20.7-8). O ministério da Palavra tinha uma parte tão crucial na vida da igreja, que, antes de um membro ser qualificado para servir como presbítero, teria de ser provado como alguém habilidoso em ensinar a Palavra (cf. 1 Tm 3.2; 2 Tm 2.24; Tt 1.9).

O apóstolo Paulo caracterizou assim a sua própria chamada: “Me tornei ministro de acordo com a dispensação da parte de Deus, que me foi confiada a vosso favor, *para dar pleno cumprimento à palavra de Deus*” (Cl 1.25 – ênfase acrescentada). Você pode estar certo de que a pregação era um elemento predominante em todo culto do qual Paulo participava.

Muitas pessoas vêem a pregação e a adoração como dois aspectos distintos do culto da igreja, como se a pregação não tivesse qualquer ligação com a adoração e vice-versa. Mas este é um conceito errôneo. O minis-

tério da Palavra é a plataforma sobre a qual a verdadeira adoração é edificada. Em seu livro *Between Two Worlds* (Entre Dois Mundos), John Stott afirmou muito bem: “A Palavra e a Adoração pertencem indissoluvelmente uma à outra. Toda a adoração é uma resposta inteligente e amável à revelação de Deus, porque é a adoração de seu nome. Portanto, a adoração aceitável é impossível sem a pregação. Pregiar é tornar conhecido o nome de Deus, e adorar é louvar o nome do Senhor sobre o qual fomos informados. Ao invés de ser uma intrusão alienígena à adoração, o ler e o pregar a Palavra são realmente indispensáveis à adoração. As duas não podem ser divorciadas”.¹²

— ■ —
*O ministério da
 Palavra é a
 plataforma sobre
 a qual a verdadeira
 adoração é edificada.*
 — ■ —

Pregar é um aspecto insubstituível de toda a adoração coletiva. Na verdade, todo o culto da igreja gira em torno do ministério da Palavra. Todas as outras coisas são preparatórias ou uma reação à mensagem das Escrituras.

Quando o teatro, a música, a comédia e outras atividades têm a permissão de usurpar o lugar da pregação da Palavra, a verdadeira adoração inevitavelmente é prejudicada. E, quando a pregação é subjugada à pompa e à circunstância, ela também obstrui a adoração genuína. Um culto de adoração sem o ministério da Palavra tem um valor questionável. Além disso, a “igreja” onde a Palavra de Deus não é regularmente e fiel-

mente pregada não é uma verdadeira igreja.

EDIFICAR O REBANHO. As Escrituras nos dizem que o propósito dos dons espirituais é a edificação de toda a igreja (Ef 4.12; cf. 1 Co 14.12). Por esse motivo, todo o ministério da igreja tem de produzir edificação, fazendo o rebanho crescer espiritualmente e não apenas estimulando emoções.

Acima de tudo, o ministério da igreja deve ter como alvo o promover a adoração verdadeira. Para alcançar esse objetivo, ele tem de ser edificante. Isso está implícito na expressão “que... o adorem em espírito e em verdade”. Como já observamos, a adoração deve envolver o intelecto e as emoções. A adoração deve ser emocionante, profundamente sentida e tocante. Mas o importante não é estimular as emoções, enquanto desligamos nosso intelecto. A adoração verdadeira mescla a mente e o coração em uma resposta de adoração pura, fundamentada na verdade revelada da Palavra de Deus.

A música pode, às vezes, nos comover pela agradável beleza da melodia, mas este sentimento não é adoração. Por si mesma, a música, sem a verdade contida nos versos, não é um recurso legítimo para a adoração autêntica. De maneira semelhante, uma história comovente pode ser tocante ou inspirativa, mas, se a mensagem que ela transmite não estiver no contexto da verdade bíblica, quaisquer sentimentos que ela desperte não têm qualquer utilidade em fomentar a verdadeira adoração. Emoções fortes despertadas duran-

te o culto não constituem necessariamente uma evidência de que houve verdadeira adoração.

A adoração genuína é uma resposta à *verdade* divina. É emotiva porque surge de nosso amor a Deus. No entanto, a adoração verdadeira também deve ser fruto de um correto entendimento de sua lei, sua justiça, sua misericórdia e seu ser. A genuína adoração reconhece Deus conforme Ele se revela nas Escrituras. Por exemplo, através das Escrituras, sabemos que Ele é a única, perfeitamente santa, onipotente, onisciente e onipresente fonte da qual flui toda bondade, misericórdia, verdade, sabedoria, poder e salvação. Adorar significa atribuir glória a Deus por causa dessas verdades; significa louvá-Lo por aquilo que Ele é, aquilo que tem feito e aquilo que tem prometido. Por conseguinte, adoração tem de ser uma resposta à verdade que Ele revelou a respeito de si mesmo. Tal adoração não pode resultar de um vazio. É motivada e vitalizada pela verdade objetiva da Palavra de Deus.

Cerimônias mortas e entretenimento também são incapazes de provocar essa adoração, não importa quão emocionantes tais coisas sejam. Elas não edificam. No máximo, elas podem despertar emoções. Mas isso não é adoração.

HONRAR O SENHOR. Hebreus 12. 28 afirma: “Retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor”. Esse versículo nos fala sobre a atitude com que devemos adorar. A palavra grega traduzida por “sirvamos” é

latreuo, que literalmente significa “cultuar”. O argumento principal é que a adoração tem de ser realizada com reverência, de uma maneira que honra a Deus.

Na adoração coletiva, não existe lugar para a atmosfera frívola, superficial e leviana que freqüentemente prevalece nas igrejas modernas que procuram ser “relevantes”. Substituir o culto de adoração por um espetáculo distancia-se tanto quanto possível da atitude de adoração bíblica “com reverência e temor”.

“Reverência e temor” referem-se ao solene sentimento de honra que resulta de percebermos a majestade de Deus. Exige uma percepção da santidade de Deus e de nossa própria pecaminosidade. Tudo na adoração coletiva da igreja deve ter como alvo o fomentar esse tipo de atmosfera.

Por que igrejas substituem a adoração por entretenimento e comédia nos cultos no Dia do Senhor? Muitas que o têm feito declaram que têm o objetivo de alcançar os não-crentes; querem criar um ambiente “amigável”, que será mais atraente aos incrédulos. O objetivo concreto deles é “relevância”, ao invés de “reverência”. Seus cultos são idealizados para alcançar os incrédulos com o evangelho, e não para os crentes se reu-

nirem a fim de adorarem a Deus e serem edificados.

Muitas dessas igrejas não atribuem qualquer ênfase às ordenanças do Novo Testamento. A Ceia do Senhor, quando observada nessas igrejas, é transformada em um culto insignificante, no meio da semana. O batismo se torna realmente opcional e normalmente são realizados em qualquer outra ocasião, exceto nos cultos dominicais.

O que está errado nisso? Existe problema em utilizar os cultos do Dia do Senhor como

reuniões evangelísticas? Há uma razão bíblica que justifica o domingo como dia em que os crentes se reúnem para adoração?

As Escrituras e a história nos fornecem inúmeras razões para separarmos o primeiro dia da semana para adoração e comunhão entre os crentes. Infelizmente, uma consideração mais detalhada desses argumentos está fora do escopo desse breve artigo. Mas uma simples aplicação do princípio regulador oferece bastante orientação.

Por exemplo, aprendemos das Escrituras que o primeiro dia da semana era o dia em que a igreja apostólica se reunia para celebrar a Ceia do Senhor: “No primeiro dia da semana, estando nós reunidos com o fim de partir o pão, Paulo, que devia

■

*Emoções fortes
despertadas
durante o culto não
constituem necessariamente
uma evidência
de que houve
verdadeira adoração.*

■

seguir viagem no dia imediato, exortava-os” (At 20.7). O apóstolo instruiu os crentes de Corinto a fazerem suas ofertas, sistematicamente, no primeiro dia da semana, deixando claramente implícito que este era o dia em que eles deveriam se reunir para adoração. A história nos revela que a igreja dos primeiros séculos se referia ao primeiro dia da semana como o Dia do Senhor, uma expressão que encontramos em Apocalipse 1.10.

Além disso, a Bíblia sugere que as reuniões regulares da igreja primitiva não visavam a propósitos evangelísticos, e sim, primariamente, ao encorajamento mútuo e à adoração na comunidade de crentes. Esta é a razão por que o escritor de Hebreus fez o seguinte apelo: “Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras. Não deixemos de *congregar-nos*, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações e tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima” (Hb 10.24-25, ênfase acrescentada).

Com certeza, havia ocasiões em que os incrédulos vinham às reuniões dos crentes (cf. 1 Co 14.23). As reuniões da igreja do primeiro século eram essencialmente públicas, assim como muitas o são hoje. Mas o próprio culto tinha como objetivo a adoração a Deus e a comunhão entre os crentes. O evangelismo acontecia no contexto da vida diária, à medida que os crentes propagavam o evangelho. Eles se reuniam para adoração e comunhão e se separavam para evangelizar. Quando uma igreja torna todas as suas reuniões evangelísticas, os crentes perdem a oportu-

nidade de crescer, de serem edificados e de adorar.

Também não existe qualquer fundamento bíblico para adaptarmos os cultos semanais de acordo com a preferência dos incrédulos. Na realidade, essa prática parece contrária ao espírito de tudo que as Escrituras dizem a respeito da comunidade de crentes.

Quando a igreja se reúne, no Dia do Senhor, essa não é uma ocasião para entreter o incrédulo, divertir os irmãos ou satisfazer as “necessidades sentidas” de nossos ouvintes. Pelo contrário, é uma ocasião para, como igreja, nos humilharmos diante de nosso Deus e honrá-Lo com nossa adoração.

NÃO CONFIAR NA CARNE. Em Filipenses 3.3, o apóstolo Paulo descreve nesses termos a adoração cristã: “Porque nós é que somos a circuncisão, nós que adoramos a Deus no Espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus, e não *confiamos na carne*” (ênfase acrescentada).

Mais adiante nessa carta, Paulo testemunhou como ele chegou a perceber que seu legalismo farisaico, no qual ele vivia antes de tornar-se crente, não tinha qualquer valor. Ele mostrou como anteriormente tinha obsessão por questões exteriores e carnis, tais como circuncisão, descendência e obediência à lei, ao invés de se interessar pelas questões mais importantes a respeito do estado de sua alma. A conversão de Paulo na estrada de Damasco mudou tudo isso. Seus olhos foram abertos à gloriosa verdade da justificação pela fé. Ele compreendeu que a única maneira de estar e ser aceito na presença de Deus

era ser vestido com a justiça de Cristo (v. 9). Paulo aprendeu que a simples obediência a ritos religiosos, tais como a circuncisão e as cerimônias prescritas na lei, não tinha qualquer valor espiritual. De fato, ele rotulou essas coisas como “refugio”, literalmente, “esterco”.

Até hoje, a maioria das pessoas que falam sobre adoração geralmente têm em mente as coisas externas — a liturgia, as cerimônias, a música, o ajoelhar-se e outros aspectos formais. Recentemente li o testemunho de um homem que abandonou o cristianismo evangélico e se uniu ao catolicismo romano. Uma das principais razões que ele apresentou para deixar o evangelicalismo foi que ele encontrou no catolicismo romano uma liturgia que “se parecia mais com adoração”. Quando ele explicou isso, tornou-se evidente que ele realmente estava dizendo que a Igreja Católica oferece mais instrumentos de rituais formalistas — acender velas, imagens, ajoelhar-se, rezar, benzer e outras coisas assim. Ele equiparou essas coisas à adoração.

Mas estas coisas nada significam em relação à adoração verdadeira, em espírito e em verdade. Na realidade, como invenções humanas — não prescrições bíblicas —, correspondem exatamente ao tipo de artificiosos carnais que Paulo chamou de “esterco”.

A história e a experiência nos mostram que é incrivelmente grande a tendência humana para acrescentar aparatos carnais à adoração prescrita por Deus. Israel fez isso no Antigo Testamento, culminando na religião dos fariseus. As religiões consistiam

em nada mais do que rituais da carne. O fato de que tais cerimônias freqüentemente são belas e emocionantes não as transforma em adoração verdadeira. As Escrituras são claras em afirmar que Deus condena todos os acréscimos humanos àquilo que Ele ordenou de maneira explícita — “Em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens” (Mt 15.9).

Nós, que amamos a Palavra de Deus e cremos no princípio *Sola Scriptura* temos de nos acautelar diligentemente contra essa tendência.

A ADORAÇÃO É PRIORIDADE CRUCIAL

Nosso Senhor disse a Marta, que estava aflita devido aos afazeres domésticos por receber muitos convidados: “Marta! Marta! Andas inquieta e te preocupas com muitas coisas. Entretanto, pouco é necessário ou mesmo uma só coisa” (Lc 10.41-42).

A verdade principal é evidente. Maria, que se assentara aos pés de Jesus, em adoração, escolhera “a boa parte”, e esta não lhe seria tirada. A adoração de Maria tinha um significado eterno, enquanto toda a intensa atividade de Marta não significou absolutamente nada, além daquela tarde especial.

Nosso Senhor estava ensinando que a adoração é a atividade essencial que deve preceder todas as outras atividades da vida. Se isto é verdade em nossas vidas particulares, não deveríamos nós tributar maior importância à adoração no contexto da congregação dos crentes?

O mundo está cheio de religião falsa e superficial. Nós, que amamos a Cristo e cremos que sua Palavra é verdadeira, não ousemos moldar nossa adoração aos estilos e preferências de um mundo incrédulo. Pelo contrário, temos de reputar como nosso principal objetivo ser adoradores em espírito e em verdade. Devemos ser pessoas que adoram a Deus no Espírito, se gloriam em Cristo Jesus e não confiam na carne. Para fazer isso, temos de permitir que somente a Escritura — *Sola Scriptura* — regule nossa adoração.

sancionado por Charles II logo depois da restauração da monarquia inglesa. Exigia que todo ministro da Igreja Anglicana declarasse apoio sincero a todas as coisas prescritas na recente edição do Livro de Oração Comum. Muitos ministros, que se tornaram dissidentes, rejeitaram o uso de vestimentas e outras prescrições extra-bíblicas em referência à maneira de como o culto de adoração deveria ser conduzido. Esses homens foram sumariamente expulsos de seus púlpitos e perderam sua manutenção por causa de sua postura em favor do princípio *Sola Scriptura*.

1. Judy Raphael, “God and Country”, *Los Angeles Times Magazine* (6 de novembro de 1994), p. 14.

2. O fundador de *Barnum & Bailey Circus*, o maior circo do mundo, e considerado o pai do circo moderno. [Nota do Tradutor]

3. R. Gustav Niebuhr, “Mighty Fortresses: Megachurches Strive To Be All Things to All Parishioners”, *The Wall Street Journal* (13 de maio de 1991), A:6.

4. Chigaco, Moody Press, 1983.

5. John Calvin, *The Necessity of Reforming the Church* (Dallas, Protestant Heritage Press, reimpressão de 1995), pp. 17-18.

6. John Hooper, “The Regulative Principle and Things Indifferent”, citado em Iain Murray, *The Reformation of the Church* (Edimburgo, Banner of Truth, 1965), p. 55.

7. William Cunningham, *The Reformers and the Theology of the Reformation* (Edimburgo, Banner of Truth, reimpressão de 1989), p. 27.

8. O Ato de Uniformidade (1661) foi

9. Cunningham, p. 32.

10. *Ibid.*, p. 35.

11. Ao mesmo tempo, é proveitoso lembrar que algumas das disputas sobre as quais lemos na história da Igreja não eram tão triviais quanto pareciam à primeira vista. Por exemplo, houve um debate ferrenho entre os protestantes a respeito da postura apropriada para alguém receber os elementos da Ceia do Senhor. Alguns pensavam que os elementos deveriam ser recebidos em postura de joelhos, mas os seguidores de Calvino insistiram no fato de que a Ceia do Senhor devia ser dada também às pessoas que estavam assentadas. O verdadeiro debate estava relacionado a um assunto muito mais importante do que apenas a postura. O catolicismo romano ensinava que os elementos eram realmente o corpo e o sangue de Cristo e, portanto, eram dignos de receber adoração. Durante a missa católica, quando os elementos eram elevados, esperava-se que as pessoas se ajoelhassem em adoração. Os calvinistas perceberam corretamente que isso era uma forma de idolatria; e, para deixar

claro sua opinião, ensinaram que os elementos eram símbolos — e não algo que devia ser adorado —, e, portanto, deveriam ser dados às pessoas que estavam sentadas. O contexto desse debate é freqüentemente esquecido pelos evangélicos contemporâneos, que às

vezes erroneamente caracterizam os reformadores como pessoas que contendiam sobre trivialidades.

12. John R. Stott, *Between Two Worlds* (Grand Rapids, Eerdmans, 1982), p. 82.

A LIBERDADE DO OLEIRO

Charles H. Spurgeon

Não existe atributo de Deus que ofereça mais conforto aos seus filhos do que a doutrina da soberania divina. Nas circunstâncias mais adversas, nos mais graves problemas, eles crêem que a soberania divina ordenou as suas aflições, acreditam que ela os governa e os santificará completamente. Não existe outra coisa pela qual os crentes devam contender com mais seriedade do que pelo assunto referente ao domínio de seu Senhor sobre toda a criação — o reino de Deus sobre todas as obras de suas mãos — e pelo assunto referente ao trono de Deus e ao seu direito de assentar-se sobre esse trono.

Por outro lado, não há outra doutrina mais odiada pelos incrédulos, nem uma verdade com a qual eles mais brincam do que a grande e estupenda, porém correta, doutrina da soberania do infinito Jeová. Os homens permitem que Deus esteja em qualquer lugar, exceto em seu trono; que Ele esteja em sua oficina, moldando o mundo e criando estrelas, ou em sua entidade filantrópica para distribuir suas esmolas e dispensar sua generosidade. Os homens admitirão que Deus sustenta a Terra e as estrelas no céu e governa as ondas do oceano que se movem incessantemente. Mas, quando Ele ascende ao seu trono, suas criaturas rangem os dentes. E, quando proclamamos um Deus entronizado e seu direito de realizar o que deseja com suas próprias coisas, seu direito de dispor de suas criaturas como Ele acha melhor, sem consultá-las a respeito do assunto, então, nesse momento somos execrados e vaiados, e os homens fecham seus ouvidos para nós, pois o Deus que está no trono não é o Deus que eles amam. Eles não O amam quando Ele se assenta no trono, com o cetro em suas mãos e a coroa sobre a cabeça. No entanto, apreciamos falar sobre o Deus que está assentado no trono. Este é o Deus em quem nós cremos.

O GRANDE REAVIVAMENTO NA INGLATERRA NO SÉCULO XVIII

Paulo Anglada

A condição moral deplorável em que se encontra o nosso país quase dispensa comentário. A impiedade e perversão dos homens, que cada dia mais têm trocado a verdade de Deus pela mentira, mudando a glória do Deus incorruptível, adorando e servindo a criatura ao invés do Criador, têm suscitado a ira de Deus sobre o Brasil. Por isso, Deus tem entregue nosso povo à imundícia, pela concupiscência de seus próprios corações. E, por haverem desprezado o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem toda sorte de coisas inconvenientes e aprovarem os que assim procedem (Rm 1.18, 23, 24, 25, 28, 32).

A INGLATERRA ANTES DO REAVIVAMENTO DO SÉCULO XVIII

Esse estado de impiedade e de-

pravação pode, às vezes, nos levar a pensar que a situação é irremediável e que não encontra paralelo na história de outras nações. Nem uma coisa nem a outra é verdade. A Inglaterra da primeira metade do século XVIII caracterizava-se pela impiedade, corrupção e imoralidade. As trevas espirituais assolavam todas as camadas sociais daquele país. A terra de muitos reformadores e dos puritanos decaiu tanto, que “a corrupção, a desonestidade e o desgoverno nos altos postos era a regra, e a pureza, a exceção”.

A Igreja da Inglaterra, na sua grande maioria, jazia inerte, sem nenhum vigor. Os sermões, meros ensaios morais, nada podiam fazer no sentido de despertar, converter e salvar os pecadores. “As importantes verdades pelas quais Hooper e Lattimer tinham ido para a fogueira, e Baxter e muitos dos puritanos, para a

prisão, pareciam ter sido totalmente esquecidas e colocadas na prateleira.”

Um conhecido advogado cristão da época afirmou que visitou todas as mais importantes igrejas de Londres, e que não ouviu “um único discurso que apresentasse mais cristianismo do que os escritos de Cícero, e que lhe seria impossível descobrir, do que ouvira, se o pregador era um seguidor de Confúcio, de Maomé ou de Cristo!”

Os bispos e arcebispos da época, na sua grande maioria, eram homens mundanos; tão mundanos que houve casos em que o próprio rei teve de intervir para restringir a impiedade deles. Para se ter uma idéia da situação, conta-se que, quando a pregação de Whitefield começou a incomodar o clero, foi sugerido com seriedade pelo próprio clero que a melhor maneira de dar um fim à sua influência era torná-lo um bispo. Quanto ao clero paroquial, Ryle afirma que “seus sermões eram tão indizível e indescritivelmente ruins, que é reconfortante lembrar que eram geralmente pregados a bancos vazios”. A verdade é que a situação moral da Inglaterra na primeira metade do século XVIII era tão baixa, que condutas reprováveis e comuns hoje no Brasil, como a prática do adultério, fornicção, jogo, linguagem obscena, profanação do domingo e bebedice, também não eram consideradas coisas condenáveis na Inglaterra na primeira metade do século dezoito. Estas eram as

práticas da moda nas camadas mais elevadas da sociedade da época e não escandalizavam ninguém.

A TRANSFORMAÇÃO DA INGLATERRA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVIII

Na segunda metade do século XVIII, a Inglaterra mudou. Foi radicalmente transformada. Isto porque milhares de pessoas foram transformadas. Trabalhadores e membros das classes mais elevadas tiveram sua moral e costumes transformados. Como diz Nichols, “forte entusiasmo apoderou-se da vida religiosa da Inglaterra, afugentando a indiferença e o desinteresse” que marcou a primeira metade do século XVIII. “Que uma mudança, para melhor, aconteceu na Inglaterra nos últimos cem anos”, afirma Ryle no final do século XIX, “é um fato que, eu supenho, nenhuma pessoa bem informada jamais tentaria negar... Houve uma grande mudança para melhor. Tanto na religião quanto na moral, o país passou por uma completa revolução. As pessoas não pensam, não falam, nem agem como faziam em 1750. Este é um fato, que os filhos deste mundo não podem negar, por mais que tentem explicá-lo”. Foi nesse período que surgiram as obras sociais de caráter cristão, as escolas dominicais — “um dos primeiros passos na educação popular da Inglaterra” —, a abolição do comércio de escravos, as reformas

— ■ —
*Proclamavam as
 palavras de fé
 com fé, e a história
 da vida, com vida.*
 — ■ —

nas prisões, hospitais, bem como o moderno movimento missionário que alcançou muitos países na Ásia, África e Américas. A transformação que a Inglaterra experimentou foi tão grande, que muitos historiadores afirmam que, não fora isto, fatalmente o país também sofreria as agruras de uma revolta interna, como a Revolução Francesa. A estas transformações também se atribui a ascensão da Inglaterra à posição de líder entre as nações no século passado.

OS INSTRUMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO DA INGLATERRA

O que operou essa transformação? A que se deve tamanha mudança? Ryle observa acertadamente, que “o governo do país não pode reivindicar o crédito pelas mudanças. Moralidade não pode vir à existência através de decretos-lei e estatutos. Até hoje as pessoas jamais vieram a ser religiosas por meio de atos parlamentares”. A Igreja da Inglaterra, como instituição, também não pode reivindicar este crédito. Os bispos, arcebispos e clero que descrevemos há pouco jamais poderiam ser os instrumentos de tal obra.

Qual, então, foi a fonte e quais os instrumentos de tamanha transformação? Deus foi a fonte; e uma dúzia de homens simples, a maioria ministros da Igreja da Inglaterra, foram os instrumentos. Aproveu a Deus escolher alguns de seus servos fiéis; não eram poderosos, nem pessoas de nobre nascimento. Entretanto, foram estes homens humildes, mas fiéis, que Deus escolheu para envergonhar

os fortes, a fim de que ninguém se vanglorie na presença dEle.

George Whitefield, John Wesley, William Grimshaw, William Romaine, Daniel Rowlands, John Berridge, Henry Venn, Samuel Walker, James Harvey, Augustus Toplady e John Fletcher, soberanamente escolhidos, habilitados, ungidos e revestidos de especial graça, sacudiram a Inglaterra de um extremo ao outro com a antiga arma apostólica da pregação. “A espada que o apóstolo Paulo empunhou com poderoso efeito, quando tomou de assalto as fortalezas do paganismo dezoito séculos atrás”, escreve Ryle, “foi a mesma espada pela qual eles obtiveram suas vitórias”. Tendo contemplado a glória de Deus mais vividamente (como Paulo, na estrada de Damasco, e Estêvão, ao ser apedrejado); tendo sido o amor de Deus derramado em seus corações pelo Espírito Santo; tendo recebido em seus espíritos o testemunho direto do Espírito Santo, a respeito do seu bendito relacionamento com Cristo, e estando cheios de uma alegria indizível e cheia de glória, tais homens anunciaram o Evangelho de Cristo de modo simples, direto, ousado e cheio de fervor. “Proclamavam as palavras de fé com fé, e a história da vida, com vida. Eles falavam com ardente zelo, como homens que estavam totalmente persuadidos de que o que diziam era verdade”.

O que pregavam esses homens? Todo o conselho de Deus, especialmente doutrinas como a suficiência e a supremacia das Escrituras, a total corrupção da natureza humana, a morte expiatória de Cristo na cruz, a

justificação pela graça mediante a fé, a necessidade universal de conversão e de uma nova criação pelo Espírito Santo, a união inseparável da verdadeira fé com a santidade pessoal, o ódio eterno de Deus pelo pecado e o seu amor pelos pecadores. Eles não hesitavam em proclamar clara e diretamente às pessoas “que elas estavam mortas e precisavam viver; que se encontravam culpadas, perdidas, desamparadas, desesperadas e em perigo iminente de destruição eterna”. “Por mais estranho e paradoxal que pareça a alguns”, afirma Ryle, “o primeiro passo deles no propósito de tornar bom o homem, foi mostrar que este era completamente mau; e o argumento primordial deles, no sentido de persuadir as pessoas a fazerem alguma coisa por suas almas, era convencê-las de que não podiam fazer nada por elas”. Eles também “nunca recuaram em declarar, nos termos mais claros, a certeza do julgamento de Deus e da ira porvir, se os homens persistissem na impenitência e incredulidade; e, apesar disso, nunca cessaram de magnificar as riquezas da bondade e da compaixão de Deus e de conclamar todos os pecadores a arrependem-se e voltarem-se para Deus, antes que fosse tarde demais”.

CONCLUSÃO

Foram estes os homens e esta, a pregação que Deus usou como instrumentos para reavivar a Igreja na Inglaterra e, assim, transformar completamente o país. Através desses instrumentos de Deus, muitos crentes foram levados a renovar sua aliança com o Senhor e passaram a viver uma

vida cristã vigorosa e cheia de frutos; milhares foram profundamente vencidos de seus pecados, foram levados ao mais sincero arrependimento, compreenderam a graça de Deus em Cristo Jesus e por ela foram alcançados; e muitos — que até se opunham — foram secretamente influenciados e estimulados. Foram estes os homens e estas, as doutrinas, os quais, nas mãos de Deus, “tomaram de assalto as fortalezas de Satanás”, conclui Ryle, “arrancando milhares como que tições do fogo, e mudaram o caráter da época”. Foram estes os homens — sinceros e fiéis - e esta, a pregação — viva, verdadeira e ungida - que aprouve a Deus escolher para reavivar sua Igreja e transformar a Inglaterra na segunda metade do século dezoito. Abençoa-nos também, ó Deus, livra-nos da incredulidade, testifica diretamente em nosso espírito que somos teus filhos, pois cremos nisso, derrama o teu amor em nossos corações pelo teu Espírito, que em nós habita; concede-nos a mesma alegria indizível e cheia de glória. Reaviva a tua obra em nosso país.

Nota: A maioria das citações e informações deste artigo foram extraídas do relato sobre o reavivamento espiritual do século XVIII na Inglaterra, escrito por J. C. Ryle. Os três primeiros volumes (George Whitefield, John Wesley e William Grimshaw) foram traduzidos pelo autor desse artigo e publicados no Brasil pela Editora Clássicos Evangélicos, na série *Líderes Evangélicos do Século XVIII*.

TUDO QUE NECESSITAMOS

Jim Orrick

(Preletor da Conferência Fiel no Brasil, Outubro-2001)

Graça e paz vos sejam multiplicadas, no pleno conhecimento de Deus e de Jesus, nosso Senhor. Visto como, pelo seu divino poder, nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade, pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude, pelas quais nos têm sido doadas as suas preciosas e mui grandes promessas, para que por elas vos torneis co-participantes da natureza divina, livrando-vos da corrupção das paixões que há no mundo.

2 Pedro 1.2-4

Moramos em um bairro onde as pessoas costumam regar seus gramados. Para regar nosso gramado temos de estar sempre mudando o regador para as áreas que mais necessitam de água. Como você pode imaginar, essa tarefa é cansativa. Alguns vizinhos possuem sistemas de irrigação que regam todo o gramado com o abrir de uma só válvula. Isto não somente é fácil para eles, mas também é melhor para o gramado.

O povo de Deus às vezes é semelhante a um gramado que precisa ser regado. Imagine, se você puder, que

as várias áreas de nossa vida assemelham-se às várias partes de um gramado. Por exemplo, a devoção pessoal é uma área; a vida familiar, outra; a vida na igreja, outra; etc., etc. Essas áreas se tornam secas, e nos sentimos sem vida. Sabemos que não somos tão piedosos quanto deveríamos ser. Talvez, perdemos nosso zelo na oração particular ou negligenciamos nossas responsabilidades pessoais. É possível que a pregação da Palavra se torne cansativa para nós, e nosso amor pelos irmãos esfrie-se. Estamos secos; precisamos

da água da graça e da paz de Deus. Estamos mundanos e carecemos de espiritualidade. Como podem todas essas diferentes áreas de nossa vida obter a água que necessitam para ficarem saudáveis?

Uma maneira de conseguirmos essa água é utilizar o método que usamos em casa, quando regamos nosso gramado: mude o regador para uma área específica que está seca, a fim de regá-la. A atitude correspondente no âmbito da vida cristã pode envolver a pregação pastoral de uma série de sermões a respeito da vida da igreja, ou ler um livro sobre responsabilidades familiares, ou dedicar atenção intensiva e particular sobre aquela área problemática. Quando aquela área estiver encharcada pela Palavra de Deus, devemos dirigir-nos para outra área que está seca.

Em nossas vidas, existe realmente um tempo para esse tipo de irrigação focalizada. No entanto, um melhor caminho para o sedento povo de Deus receber a graça e a paz que necessita é utilizar o sistema de irrigação de suas almas. Esse sistema regará completamente, com a graça e a paz de Deus, todas as áreas de nossas vidas, de modo que nenhum de nós será estéril ou infrutífero. Esse sistema de irrigação nos encharcará com tudo que necessitamos para a vida e a piedade; inundará nossas almas com pureza e com a própria

vida dAquele que é a água da vida. Existe realmente esse sistema de irrigação para o crente? Sim, existe — o conhecimento de Deus e de nosso Senhor Jesus Cristo.

Volte sua atenção à passagem citada (2 Pedro 1.2-4) e veja as principais verdades expressas sobre o conhecer Deus e como este conhecimento é uma fonte de bênçãos para o crente. Inicialmente, você pode verificar que o conhecimento de Deus é a fonte de onde podemos obter a graça e a paz que necessitamos. Em segundo, você perceberá que o conhecimento de

■

*O conhecimento de
Deus é a fonte de onde
podemos obter a graça
e a paz que
necessitamos.*

■

Jesus Cristo é a fonte de tudo que precisamos no que se refere à vida e à piedade. Assim, o conhecimento de Deus é como um sistema de irrigação, na medida que tal conhecimento nos enche ampla e completamente.

Como admitimos na introdução, há um tempo para focalizarmos nossa atenção nos relacionamentos familiares e um tempo para focalizarmos nossa atenção na vida da igreja. Mas, se almejamos uma completa inundação de bênçãos de Deus sobre o seu povo, o melhor a fazer é compreendermos que este objetivo se alcança através da pregação sobre a pessoa de Deus e do Senhor Jesus Cristo. E, conforme percebemos quem Deus é, nossos corações se dilatam em amor para com Ele, Deus, e para com nosso Senhor Jesus Cristo. Esse amor intenso será uma

grande motivação para fazermos e seguirmos tudo que Deus requer. Você sabe que, às vezes, seu zelo pela oração particular cresce pouco, e o ardor de sua devoção diminui e parece que vai desaparecer. O amor para com Deus, que se desenvolve a partir de um verdadeiro conhecimento dEle, fará que o ardor de nossa devoção se torne mais intenso. De modo semelhante, no que se refere a uma saturação de todo o povo de Deus, com abundante graça, paz e tudo que é necessário à vida e à piedade, não podemos encontrar um sistema de irrigação da alma melhor do que *o conhecimento de Deus e do Senhor Jesus Cristo*.

Devemos observar que a graça e a paz nos são “multiplicadas no pleno conhecimento de Deus e de Jesus, nosso Senhor”. Pedro estava escrevendo a pessoas que já haviam sido salvas. Ele estava escrevendo “aos que conosco obtiveram fé igualmente preciosa na justiça de nosso Deus e Salvador Jesus Cristo”. Pedro não tinha qualquer receio de referir-se a Jesus Cristo considerando-O *Deus*. Ele é o Deus e Salvador Jesus Cristo. Em outras palavras, Pedro afirmou: “Sei que vocês já foram salvos. Já obtiveram fé por meio da justiça de nosso Deus e Salvador Jesus Cristo. Porém, mesmo depois de terem sido salvos e recebido o derramamento inicial da graça e da paz de Deus, vocês ainda precisam de mais paz e mais graça, enquanto procuram viver a vida cristã”. Precisamos de mais graça porque continuamos sendo pecadores e porque, enquanto vivemos nesse mundo e nossos pés se tornam contaminados

pelo pecado, precisamos ser novamente purificados. Precisamos cantar novamente, como o fazíamos anteriormente:

*Para a Fonte eu corro;
Lava-me, meu Salvador,
Se não eu morro.*

Visto que Jesus nos disse: “Se eu não te lavar, não tens parte comigo”, precisamos da incessante água da graça de Deus, para que sejamos lavados do pecado que continua a corromper-nos, manchar-nos e sujarnos diante de Deus. A graça necessária para lavar os pecados de um crente se encontra no conhecimento de Deus e de nosso Senhor Jesus Cristo.

E isso não é tudo. Depois que pecamos, e que nossas consciências foram contaminadas, e que nossos corações foram despertados, nós clamamos: “Pequei contra Ti, contra Ti somente, e fiz o que é mal perante os teus olhos”. Então, Deus pode falar de paz, confortar-nos e restaurar-nos a alegria da salvação por transmitir-nos paz. A paz de Deus, que excede todo entendimento, pode guardar nossas mentes e corações em Cristo Jesus. O Senhor Jesus legounos uma paz que o mundo não conhece, nem pode entender. Na noite de sua traição, Ele disse aos seus discípulos: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo”. É uma paz que o mundo não conhece, nem pode entender; porém, é uma paz que você pode ter. É uma paz que pode deixá-lo livre, não somente dos sentimentos de vergonha e culpa do pecado, mas

também da ansiedade a respeito do que acontecerá no futuro. Você pode obter essa paz por intermédio do conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo. Sua consciência, com razão, pode clamar contra você! Uma boa consciência protestará que você merece perecer pelos horríveis pecados que tem cometido contra o Senhor. Mas, por meio do conhecimento de Jesus Cristo e de tudo que Ele fez para expiar os pecados que cometemos, você pode responder à sua consciência: “Ora, veja, minha consciência: sei que você tem bons motivos para clamar contra mim; mas considere o que Jesus fez por mim. Ele sofreu e morreu na cruz, a fim de purificar-me deste pecado”. Então, a sua boa consciência olhará para a obra de Cristo e dirá: “Oh! Se o Filho de Deus sofreu para expiar o seu pecado, isto é o suficiente”. O conhecimento de Jesus Cristo outorga paz à sua consciência. Portanto, “descansa, ó minha alma, retorna ao teu repouso, pois o Senhor tem sido bondoso para contigo”.

Desejo que você observe: não recebemos com escassez ou restrição a paz e a graça outorgadas a nós através do conhecimento do Senhor Jesus Cristo. O que Pedro afirma sobre a graça e a paz? Elas são *multiplicadas* para nós: não apenas *acrescentadas*, e sim multiplicadas através do conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Como está a sua vida? Você sente que existe uma boa irrigação da graça de Deus jorrando sobre o solo árido e sedento de seu coração? Se você disser: “Não”, o que precisará fazer? A graça e a paz podem ser multiplicadas por

meio do conhecimento de Deus e de nosso Senhor.

Conhecer Deus e Jesus Cristo é mais do que simplesmente *saber fatos* a respeito de ambos. Geralmente fazemos distinção entre *saber fatos* a respeito de alguém e realmente *conhecê-lo*. Podemos *saber fatos* sobre uma pessoa que nunca conhecemos. Mas, depois de a termos conhecido e conversado com ela, podemos dizer: “Eu a *conheço*; eu a conheço pessoalmente”. Portanto, conhecer Deus e Jesus Cristo não é apenas uma questão de acumular conhecimento dos fatos sobre ambos, embora seja necessário ter um conhecimento acurado a respeito de Deus e de Jesus, a fim de *conhecê-Lo* pessoalmente. Não podemos simplesmente envolver-nos em uma jornada mística de buscar conhecimento de Deus, sem a orientação das Escrituras. Existem algumas pessoas que tentam experimentar-Lo, sem estudar quem Ele é. Essas pessoas procuram ter um relacionamento pessoal e um andar íntimo com Jesus Cristo, sem estudar a Bíblia para saber quem Ele é. Você não pode conhecer o Deus verdadeiro sem aprender a respeito dEle. Assim, quando afirmo que *conhecê-Lo* não é a mesma coisa que saber fatos a respeito de Deus, não estou minimizando a importância do conhecimento de fatos. Você precisa *estar ciente dos fatos* a respeito dEle, antes que O *conheça*. E, quando você *conhecê-Lo*, a graça e a paz lhe serão multiplicadas. E, à medida que você O conhece e desfruta mais profunda intimidade com Ele, sua graça e sua paz serão multiplicadas cada vez mais. Por isso,

à medida que cresce seu conhecimento de Jesus Cristo, também crescerão a sua graça e a sua paz.

Em segundo, observemos que o conhecimento de Jesus Cristo — especificamente o conhecimento de Jesus Cristo — é o *sistema de irrigação* pelo qual Deus faz jorrar sobre nós tudo que necessitamos para a vida e a piedade. Observe que o versículo 3 começa afirmando: “Pelo seu divino poder...” O divino poder de quem? A resposta mais evidente é: de *Jesus Cristo*. O apóstolo Pedro acabara de referir-se a Jesus, sendo Ele, com toda a probabilidade, o antecedente do pronome “seu”. O Senhor Jesus possui divino poder e nos deu todas as coisas pertinentes à vida e à piedade. Ele é capaz de outorgar-lhe qualquer coisa que você necessite. Não há receio de que nEle falte poder. O Senhor Jesus tem divino poder.

Também recebo encorajamento da próxima palavra: seu divino poder nos *deu*. *Dar* é o meio pelo qual Deus transfere para nós tudo que necessitamos para a vida e a piedade. Ele nos outorga essas coisas. Não existe qualquer troca com Jesus no que se refere a estas coisas. Alguns de nós temos cometido erros nesta área. Temos dito para Deus: “Se o Senhor fizer isto por mim, eu farei aquilo pelo Senhor”. Deus não precisa de nenhum de nossos trastes. Os irmãos de José expressaram sua preocupação de que seriam feitos escravos juntamente com seus *animais de cargas* (Gênesis 43). José era a segunda autoridade no governo de Faraó e tinha milhares de animais de carga. José não precisava desses poucos jumentos de seus irmãos. Às vezes, esta é a maneira

como nos aproximamos de Deus: “Senhor, não quero que toques em meus jumentos; eu venderei um deles e Te darei o dinheiro, se fizeres isto por mim”. Deus não precisa de nenhum de nossos animais de carga. Ele tem divino poder. E, se você receber qualquer coisa que diz respeito à vida e à piedade, terá de recebê-la como uma dádiva.

Lembro-me da história de um médico que havia crescido em uma zona rural. As pessoas de sua cidade se orgulhavam dele; durante cada verão, ele retornava ao seu lar, para visitar a velha fazenda e ficar com seus pais. Enquanto permanecia ali, oferecia gratuitamente seus serviços médicos às pessoas que residiam naquela comunidade. Houve uma mulher que trouxe sua filhinha ao médico, que recomendou uma cirurgia. Com alegria, ele realizou a cirurgia na menina. Mais tarde, a mãe da menina disse ao médico: “Sei que seu costume é oferecer gratuitamente seus serviços, quando vem ao seu lar no verão, mas eu insisto em pagar-lhe pela cirurgia”.

— “Não, faço isso com prazer”, o médico respondeu.

— “Não quero receber qualquer caridade. Então, quanto devo pagar pela cirurgia?”, a mãe insistiu.

— “Está bem”, disse o médico, “se a senhora insiste. Normalmente eu cobro quatro mil reais por esta cirurgia”.

A mulher ficou chocada. Ela não possuía aquela quantia. O médico continuou: “Agora, ou a senhora me paga toda a sua conta, ou aceita meus serviços totalmente como uma dádiva”. Ela não tinha escolha; tinha de

aceitar como um presente os serviços do médico. O Senhor Jesus se achega a nós como aquele médico e afirma: “Providencie tudo que é necessário para que você seja salvo do pecado. Mas você me tem oferecido os seus pequenos jumentos nesta ocasião e seu dinheiro noutras ocasiões. Por um lado, você me tem oferecido suas obras; e, por outro lado, tem me oferecido suas boas intenções. Você tem de pagar por toda a sua salvação ou recebê-la de mim como um presente”. É o orgulho que nos torna relutantes em permitir que Deus receba toda a glória por nossa salvação. Esta é a razão por que 99% de nós crentes nos retraíamos e, às vezes, ficávamos irados quando ouvíamos a respeito da soberania de Deus em conceder salvação. Estamos tão acostumados a pensar que, para obtermos uma posição de justiça diante de Deus, isso deve acontecer por meio de algo que façamos, ainda que esse algo seja a nossa fé. No entanto, as doutrinas da soberana graça de Deus retiram o ar do balão de nosso egoísmo. Essas doutrinas nos dizem que, do início ao fim, a salvação acontece como realização da graça de Deus e que, se fôssemos deixados por nós mesmos, jamais viríamos a Deus. No que se refere à salvação por meio de Jesus Cristo, é tudo ou nada. Seu divino poder nos *deu...*

Observe também a próxima sentença: “Ele nos deu *todas as coisas* que conduzem à vida e à piedade”. Quantas coisas? *Todas as coisas*. Tudo. Ele não precisa de nossos acréscimos. As alterações são desnecessárias e, ao mesmo tempo, desagradáveis para Ele.

O Senhor Jesus nos deu todas as coisas que conduzem à vida e à piedade. Ora, é exatamente isso que um pecador corrompido necessita. Ele precisa de *vida* e de *piedade*. A Bíblia afirma que, por causa do pecado, estamos mortos em delitos e pecados. Precisamos de vida, antes de sermos justificados diante de Deus, que não é Deus de mortos, e sim de vivos. Para Ele ser o nosso Deus, temos de nascer de novo; precisamos ser ressuscitados dos mortos; assim como Jesus saiu vivo do sepulcro, temos de sair vivificados do sepulcro do pecado. Como isto pode acontecer-nos? Pelo divino poder de Jesus, que por meio de seu conhecimento nos deu todas as coisas que conduzem à vida e à piedade.

Não somente precisamos de vida, mas, depois que Ele nos vivifica, necessitamos de piedade. Mesmo após termos sido salvos, ainda pecamos e nos contaminamos por impurezas e por nos afastarmos de Deus. Como podemos obter a piedade que necessitamos? Novamente, através do conhecimento de Jesus Cristo. O texto em seguida diz que adquirimos tudo que necessitamos por meio do “*conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude*”. Por conseguinte, através do conhecermos a Cristo, com intensa afeição, recebemos tudo que nos conduz à vida e à piedade.

O Senhor Jesus é descrito como *aquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude*. Ele nos chamou. Não fomos nós quem O persuadiu a vir para nós; pelo contrário, Ele nos persuadiu a vir a Si

mesmo. Frequentemente, as Escrituras se referem aos crentes como *chamados*. Essa qualificação dos crentes salienta o fato de que nossa salvação depende da iniciativa divina.

O Senhor Jesus nos chama, e quando nós vamos até Ele, isto não acontece porque existe em nós qualquer glória. Não acontece porque temos bastante percepção para compreender como podemos nos achar a Ele; pelo contrário, o próprio Senhor Jesus nos chama *por sua própria glória*. Isso também não acontece porque temos

virtude e, conseqüentemente, possuímos sensibilidade suficiente para irmos a Ele; acontece por causa da *virtude do próprio Senhor Jesus*. Ele nos chamou por sua *própria* glória e virtude. Essa forma de entender a afirmativa do versículo é ainda mais enfática no que diz respeito ao ensino de que nossa salvação depende da glória e da virtude de Cristo, e não de nossa glória e de nossa virtude.

Essa glória e virtude nos impulsiona Àquele que para Si mesmo nos chama do viver no pecado. O Senhor Jesus também nos deu as preciosas e grandíssimas promessas. Observe isso no texto: *“Pelos quais (isto é, pelas graças da glória e da virtude manifestadas em Cristo Jesus) nos têm sido doadas as suas preciosas e mui grandes promessas, para que por elas vos torneis co-participantes*

da natureza divina, livrando-vos da corrupção das paixões que há no mundo”. Jesus Cristo nos tem dado *todas as coisas* necessárias à vida e à piedade, dentre as quais se encontram as grandes e preciosas promessas. Nessas promessas existe grande medida de poder. Não tenho dúvida alguma de que Pedro estava falan-

do a respeito das promessas do evangelho: a de ter nossos pecados perdoados, a de sermos guardados por Deus até ao Grande Dia, a do retorno de Cristo à terra, a de que Ele nos reconhecerá como seu povo di-

ante de toda a assembléia de anjos e de pessoas no Dia do Juízo. Essas promessas contidas no evangelho têm grande poder. Por meio delas, quando as recebemos e nelas descansamos, nos tornamos participantes da natureza divina. O quê? Participantes de que natureza? Para aqueles filhos de Deus que não sabem o que significa a palavra “divina”, ela se refere à natureza de Deus. Portanto, a passagem poderia ser lida assim: “Para que nos tornemos participantes da natureza de Deus”. Espere um minuto. Isto significa que nos tornamos pequenos deuses, como afirmam alguns incrédulos? Não. Significa que a vida de Deus é implantada na alma do crente. A alma de todos aqueles que verdadeiramente crêem nas promessas e recebem a Cristo é marcada com a própria natureza de Deus. Na

*O cristianismo autêntico
poderia ser resumido
nas seguintes palavras:
“A vida de Deus na
alma de uma pessoa”.*

verdade, o cristianismo *autêntico* poderia ser resumido nas seguintes palavras: “A vida de Deus na alma de uma pessoa”. Ainda que isto pareça excessivamente maravilhoso, por meio dessas mui grandes e preciosas promessas, nos tornamos participantes da natureza divina.

“Paixões” é um vocábulo que se refere não somente ao desejo sexual impróprio, mas também ao desejo pecaminoso pelo uso ilegítimo de qualquer dádiva de Deus. Evidentemente, todo pecado é um uso ilegítimo das dádivas divinas. O diabo nunca criou qualquer prazer. Deus criou todos os prazeres. Às vezes, motivados por intensos desejos por prazer, utilizamos mal as dádivas de Deus e desobedecemos a Ele. O uso inadequado dos prazeres criados por Deus sempre constitui pecado. Em qualquer ocasião que escolhermos o prazer, ao invés da obediência a Deus, estamos transformando o prazer em um deus que preferimos acima do verdadeiro Deus. Vocês que nunca vieram a Cristo, pela fé, ainda não consideraram o que realmente estão fazendo? Eu não sei o que lhes impede de vir ao Senhor Jesus Cristo. Porém, seja o que for, vocês estão elevando esta coisa, ou pessoa, ou desejo, e colocando-a acima de Deus. Na realidade, vocês estão adorando esta coisa, esta pessoa ou este desejo, mais do que estão adorando a Deus. Ele não receberá qualquer adoração de vocês, até que abandonem essas paixões, destruam esses ídolos e venham a Cristo.

Por meio dessas mui grandes e preciosas promessas, recebemos graça, paz e todas as coisas neces-

sárias para escaparmos da corrupção das paixões que há no mundo. O povo de Deus tem de ser um povo diferente; temos de ser um povo santo, e não um povo impuro. Observamos assim que esta é a maneira como Deus vê o pecado. Ele o vê como uma corrupção, uma podridão. Nosso pecado faz que nos sintamos impuros, quando chegamos à presença de Deus. Não admiramos o fato de que Davi clamou: “Lava-me completamente da minha iniquidade e purifica-me do meu pecado” (Sl 51.2). Ele se sentiu imundo por causa daquilo que fizera. Sei que alguns de vocês têm este mesmo sentimento. O que devem fazer vocês que estão perdidos, por nunca terem encontrado a Cristo; vocês que não conhecem o caminho, a verdade e a vida, ou seja, o Senhor Jesus Cristo? Jesus convida: “Venham a mim, venham a mim; vocês crêem em Deus, creiam também em mim”. Que Deus, o Espírito Santo, ajude-os a entender essas verdades. Parem de olhar para si mesmos, bem como para o seu próprio pecado. Olhem para Jesus, que é a fonte da água viva. Ele é a fonte que foi aberta para a purificação dos pecadores. Venham a Jesus; Ele os purificará.

Insisto em dizer que o Senhor Jesus é o sistema de irrigação de água viva. O salmista pensava sobre isso, quando afirmou: “A minha alma tem sede de ti; meu corpo te almeja, como terra árida, exausta, sem água”; ou, conforme cantamos: “Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma”. Vem sobre nós, assim como o orvalho cai sobre a grama nova. Irriga

a nossa sequidão e encharca as nossas almas contigo mesmo — essa é uma oração apropriada não somente para as almas que ainda estão perdidas, mas também para nós, que já recebemos a fé igualmente preciosa. Ainda precisamos que a graça e a paz nos sejam multiplicadas; ainda precisamos de todas as coisas que

conduzem à vida e à piedade; ainda precisamos nos apropriar das muitas grandes e preciosas promessas pelas quais nos tornamos participantes da natureza divina. Precisamos nos livrar da corrupção das paixões que há no mundo... e sobre essas promessas, descansar.

AS MISSÕES MORÁVIAS

Dois jovens morávios tinham ouvido falar de uma ilha das Índias Ocidentais onde um latifundiário, um inglês ateu, possuía entre dois e três mil escravos. E esse homem dissera:

“Nessa ilha não pode entrar nenhum pregador ou sacerdote. Se algum deles chegar aqui, por naufrágio, que fique numa casa separada até que possa sair daqui. Mas não pode falar a nenhum de nós a respeito de Deus. Não quero nunca mais saber dessas tolices.”

Imaginem, três mil escravos trazidos das selvas africanas para uma ilha do Atlântico, para ali viverem e morrerem, sem nunca ouvirem falar de Cristo! Os dois jovens morávios ouviram falar sobre isso. Então, eles se venderam àquele inglês e usaram o dinheiro (o mesmo valor que ele pagaria por qualquer outro escravo) para comprar a passagem e viajarem até à ilha. O inglês não oferecia sequer a condução.

Quando o navio estava para zarpar do porto de Hamburgo e adentrar o Mar do Norte, alguns morávios foram ao porto para despedir-se dos rapazes. Ambos tinham pouco mais de vinte anos de idade e nunca mais voltariam, visto que não estavam embarcando para um trabalho regular de quatro anos. Os rapazes haviam se vendido como escravos por toda a vida, para que, na condição de escravos, testemunhassem sobre Cristo aos outros escravos. Os familiares dos rapazes choravam, pois sabiam que nunca mais os veriam. Alguns crentes morávios tinham dúvidas a respeito daquela atitude dos rapazes, considerando-a insensata. E, quando o navio se afastava, e os jovens perceberam a distância que os separava, aumentando cada vez mais, um deles, passando o braço pelo do seu companheiro, ergueu a outra mão e gritou-lhes:

“Que o Cordeiro receba a recompensa de seus sofrimentos.”

Essas foram as últimas palavras que ouviram deles. E tais palavras se tornaram o cerne e o lema das missões morávias.